

A DIFICULDADE DE SE DESVINCULAR DAS PESSOAS AMADAS, SOB A ÓPTICA DA PSICANÁLISE.

A DIFFICULTY RELEASE ITSELF OF LOVED ONES, FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHOANALYSIS.

ANA CLARA BARBOSA DA SILVA

Departamento do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi possibilitar a conceituação, discussão e reflexão em torno do tema da dificuldade de se desvincular das pessoas amadas, levantando pontos relevantes a esta dificuldade, descrevendo características de escolhas amorosas, e quais os aspectos que são abrangidos. Para isso, foi realizada uma breve contextualização sobre como era a busca do amor nos tempos antigos e como também a separação, para assim poder compreender as dificuldades de vivenciar a separação de um amor nos tempos atuais.

Palavras-chave: Dificuldade. Amor. Desvincular.

ABSTRACT

The objective of this research was to make possible the conception, discussion and reflection on the theme of the difficulty of untying of loved ones, raising relevant points to the problem, describing characteristics of loving choices, and which aspects are covered. For this, a brief background about how it was the search for love in ancient times and as well as the separation was carried out, so he could understand the difficulties of experiencing the separation of love in modern times.

Keywords: Hard. Love. Unlink.

INTRODUÇÃO

Muito antes da criação da Psicanálise, já se ouvia muitas histórias sobre o amor, os poetas com seus diversos poemas e contos sobre a vida dos amantes, os escritores criavam milhares de histórias contando sobre o amor e a morte, onde um dos sujeitos da história sofria até a morte por amor, cativando o leitor e levando a acreditar que essas histórias sempre acabam com um final feliz e perfeito. Contudo, os filósofos buscavam a origem do mesmo, tentando sempre explicar como e onde surgiu o amor entre os seres humanos e como conseguiam lidar com ele.

Em algumas épocas o discurso de amor era associado à dor da dificuldade em conquistar este amor, sofrimento, onde se sonhava e buscava tudo através do amor. Tinha-se a grande ilusão de que o amor era uma via única para a felicidade. Todavia, em todos os contos e histórias relatadas já vistas, os finais eram sempre os mesmos, com a felicidade plena ou com a morte dos sujeitos narrados.

Entretanto, essa felicidade só era possível depois de passar por inúmeros sofrimentos e dificuldades. Sofrimentos estes que cativavam as pessoas, levando-as crer no mito de que após intensos sofrimentos a promessa de felicidade seria cumprida. Atualmente ainda é possível visualizar situações como estas, em que o sujeito se permite vivenciar inúmeros sofrimentos, e a permanecer neles, imaginando que a vida real é igual aos contos, com um final feliz e sem sofrimento. Como estas histórias são vistas hoje em dia pelo sujeito? Como lidam com o amor e o sofrimento?

Isto ainda acontece atualmente, onde se pode observar através das novelas, seriados, que o mito da felicidade eterna através do amor ainda permeia a sociedade. A literatura traz os contos de fadas de uma forma atualizada, mas com o mesmo objetivo, e com a mesma sequência de história: o sujeito sofre diante da vida toda, mas ao final consegue a felicidade, fazendo com que as pessoas acreditem e tentem viver em suas próprias vidas.

Ferreira (2004), aduz que quando o sujeito é surpreendido pelo amor, tudo em sua vida muda, os acontecimentos modificam tudo ao seu redor. A pessoa passa a olhar a vida de outra forma, não sendo permitido enxergar a realidade, quebrando o limite entre a verdade e a mentira, sendo capturados por esse sentimento de amor.

O fato do sujeito não saber tudo sobre suas impossibilidades faz com que se instigue cada vez mais a descobrir e vivenciar os fatos, trazendo aquela sensação de alegria e tristeza ao mesmo tempo. Com isso, a cada vez mais, se vinculam às pessoas amadas, buscando no outro a felicidade que sempre procurou. Quando, por um motivo ou outro, ocorre um rompimento deste vínculo, a pessoa passa por dificuldades ao se ver diante da desvinculação deste “objeto” de amor, devido a toda uma construção feita sobre tal objeto da felicidade.

O presente trabalho originou-se devido à dificuldade que as pessoas encontram em se desvincular das pessoas que amam e que muitas vezes ainda se estão presentes em seu dia a dia. A separação aqui estudada está relacionada às pessoas que ainda se amam. Esta pesquisa justifica-se ao propor novas reflexões sobre o processo de desvinculação, levando a história do amor, desde suas antiguidades, o amor como tema universal para a literatura, para a filosofia e Psicanálise. Justifica-se ainda como uma maneira de pensar no sofrimento humano e seus conflitos frente à perda. Pretende buscar dados para contribuir cientificamente com estudo, permitindo informações sobre o sofrimento humano

mediante a um rompimento de vínculo amoroso. Proporcionando grande conhecimento da vinculação amorosa para a psicanálise, e como é realizada a escolha do objeto de amor.

O objetivo geral deste trabalho é conhecer a trajetória do sofrimento humano mediante a dor da perda, que encontram-se vinculadas junto a um objeto de amor, e aos sofrimentos que esta vinculação pode trazer. Bem como verificar a história de amor, suas raízes e histórias para ciência filosófica, literatura. Pretende-se observar como ocorre o processo de vinculação para a psicanálise, esta ligação, e como é feita esta escolha do objeto amado, como isto tudo é idealizado. Investigar-se-a como ocorre o processo de separação e quais as consequências que acarretam no sujeito, os traumas e conflitos psíquicos que vem junto com a perda, a fim de observar o processo de luto de pessoas que ainda se amam.

Para tanto, realizou uma pesquisa bibliográfica visando abordar a relação da escolha do objeto de amor e as dificuldades de se desvincular.

DESENVOLVIMENTO

Amor e separação, reflexões na óptica da literatura e da filosofia

O amor é um tema abordado na sociedade como um sentimento idealizado que muitas vezes constitui o motivo de vida para as pessoas. Entretanto, este sentimento prazeroso é atravessado pela dor da separação.

Uma das áreas que constituem a construção desse modelo de representação de amor é o campo literário, uma forma da representação do amor é através da arte. A literatura oferece formas para o indivíduo lidar com suas idealizações românticas e também encontrar “válvulas de escapes” para as decepções, possibilitando pensar na relação do homem com o mundo a sua volta (FERREIRA, 2008).

A literatura gera nos indivíduos formas de idealização do amor, ou seja, cria idéias a partir de suas produções culturais, identidades sociais que são reproduzidas, pois a prática discursiva possui grande influência na vivência dos indivíduos (PIRES, 2009).

O amor expresso pela arte literária é idealizado, construído por um olhar de perfeição, o qual o considera como uma única alternativa de felicidade. São figuras determinadas e perfeitas, comenta Ferreira:

Os homens idealizam um objeto feminino puro, único e, como tal, insubstituível. As mulheres sonham com homens bonitos e galantes que realizam as façanhas mais mirabolantes para lutar por um amor, que, como não poderia deixar de ser, se apresenta proibido. (FERREIRA, 2008, p. 38).

As mais diversas escolas da Literatura representaram o amor em conformidade com as suas influências da época. No século XIX o amor é retratado nas cantigas de amigos de amor de amigo, as quais dizem sobre as paixões e amores impossíveis devido às crueldades do mundo. Já no romantismo e no realismo “os amantes oferecem a própria vida para não renunciarem à ilusão de completude pela via do amor.” (FERREIRA, 2008, p. 1). Novelas de cavalaria, poesias, sonetos, romances, contos, as mais diversas estruturas literárias compõem o amor de maneiras variadas, idealizando-o e o colocando muitas vezes na posição de impossível.

Dois exemplos de representação da dor de separação que atravessa o amor na literatura são o Trovadorismo e o Barroco, conforme considera Ferreira:

O trovador ama para se colocar a serviço da Dama, que o aceita como amante, mas não como amado. Os poetas barrocos cultivam um sofrimento que gira em torno da decantação de um objeto, cuja inacessibilidade se apresenta sob a forma de um objeto para sempre perdido. (FERREIRA, 2008, p. 37).

Em acordo com mudanças paradigmáticas, a Literatura toma novos rumos e características, estes percursos são estruturantes para a constituição da representação de amor para a sociedade atual, a qual via o amor, anteriormente, como algo impossível diante dos contratempos do período, onde a separação, principalmente, através da morte era algo extremamente inestimável e sublime, para representação do amor. A tragédia da separação sempre compôs este cenário, para Ferreira (2008, p. 518) “[...] o sofrimento é um dos efeitos da relação amorosa”.

Nesta perspectiva, a Literatura sempre foi uma ferramenta importante na simbolização do amor, desde sua perspectiva de idealização do amor ao atravessamento da separação, cada período literário irá representar a forma de amar de determinada maneira, mas sempre demonstrando o quanto o desejo pelo amor é representativo em diferentes épocas.

No contexto literário também é possível observar a separação dos sujeitos narrados, sendo separados por pessoas que não querem ver a sua felicidade. São muitas as histórias e a maioria possui esta mesma trilha, a separação dos amantes.

Conforme Parkes (2006), uma das grandes dificuldades neste processo de separação vem da infância, onde os laços entre o filho e os pais se constituem em um relacionamento de apego, e o laço entre os pais e os filhos um cuidado, o que faz com que o sujeito tenha mais dificuldades de se desvincular deste apego, pois na infância também houve dificuldades de se desvincular desses pais.

Este apego possui a função de proporcionar segurança, o sujeito encontra alguém capaz de suprir as suas necessidades e que consiga transmitir apoio, contudo, quando este vínculo é rompido gera no sujeito um grande sofrimento, pois perde toda a sua autoconfiança, sente-se perdido, inseguro, já que todas as suas expectativas eram depositadas no outro.

Na construção de uma relação com o outro se cria vínculos afetivos, algumas vezes esse pode vir de forma intensa, assim, quando ocorre o rompimento deste vínculo se desencadeia a angústia, dor para aquele que perdeu algo que possuía grande significado. O impacto de se perder alguém amado, ou até mesmo, algum objeto importante, faz com que gere no indivíduo ao invés de dor pela perda a culpa. O indivíduo passa por um choque, pois não está preparado para uma perda brusca e dolorosa, deixando o desprovido, desamparado, estressado um período, onde nada faz sentido, de estresse, desorientado com a ideia de ter perdido algo que se estimava muito, há um corte da relação afetiva que possuía, gerando no indivíduo grande sofrimento e dor.

A dor de se perder algo que era significativo à sua vida, faz com que o sujeito viva a procura deste objeto perdido, procurando em outras pessoas características do que se perdeu. A certeza de ter alguém que o espere, ama e cuide, proporciona muitas vezes motivação para a continuidade da vida. Um dos grandes pilares dos seres humanos é o relacionamento amoroso, pois é através dele que se cria sustentação para o seu funcionamento psíquico. Romper com este pilar pode implicar em muitos sofrimentos, como a insegurança, fragilidade e a dor. Negar esta realidade, acreditar que assim sofrerá menos não ajudará em nada, é necessário olhar para a realidade, ter uma visão clara da realidade e que às vezes isso leva algum tempo.

Perder faz parte de um processo natural da vida, onde estamos constantemente ganhando e perdendo, sejam as amizades, os objetos materiais, e também as nossas escolhas. Qualquer processo de perda, independente do objeto, gera sofrimento, pois o vínculo foi rompido.

A escolha do objeto de amor e a vivência da separação

Parkes (2006, p. 12) traz um ponto relevante sobre o que chamamos de amor. O amor possui muitos componentes em sua formação, considerados indispensáveis, mas o maior deles é o compromisso. O amor é o laço que se forma e faz com que as pessoas fiquem juntas, algumas por um longo período, mesmo que venham por algum motivo acabar, nunca será rompido totalmente. Comparado a um elástico, o amor torna-se mais forte, quanto mais aquele que se ama estiver distante, e seu rompimento sempre deixa marcas para ambos.

Contudo, nos dias atuais não é a busca pelo amor que encontramos na maioria das pessoas, mas sim a busca por alguém que seja capaz de entrar na sua rotina, sem que a bagunçe muito e ainda assim seja capaz de produzir prazer ao indivíduo.

A escolha do objeto de amor aqui apresentada é dividida em três, a escolha edípica, a escolha anaclítica e a escolha narcísica.

Na escolha edípica, segundo Ferreira (2004, p. 9) o sujeito ama para aceitar meias verdades, ou para identificar a verdade toda. Tudo neste contexto está relacionado com a maneira em que o sujeito está perante a vivência da castração, do complexo de Édipo.

Para Klein (1997 p. 213) o medo mais profundo da menina é de ter seu corpo, seu interior destruído. Tudo isso, devido às suas frustrações orais que teve com sua mãe, onde a mesma passa por um objeto parcial arcaico da fantasia do eu. Tudo isso são resultados de processos inconscientes, onde a criança tende a ver o mundo em branco e preto.

Desde o nascimento a criança toma como objeto de desejo a mãe. Em um primeiro momento a criança vê a mãe como uma extensão do seu próprio corpo, contudo no momento da amamentação a mãe passa a ser vista como uma mãe boa e má, portanto, esta mesma apresenta um seio bom que é aquele que satisfaz que alimenta, do prazer e também apresenta o seio mau, que é aquele que frustra, gerando angústia. Porém, a menina se afasta desse processo e toma o pênis do pai como objeto de satisfação e decorrente disso ocorre na menina a criação de um impulso, em que ela sente a necessidade e aprende a dar certos passos para seu desenvolvimento, de suas escolhas amorosas que ela irá se deparar no futuro.

Segundo Eiguer (1985) a escolha edípica se dá a partir de um reencontro do amor ideal na infância. O sujeito procura em seu parceiro amoroso a representação do seu pai ou de sua mãe, sendo uma reconstrução do seu mundo infantil a partir de suas escolhas do presente.

O outro pode experimentar sentimentos semelhantes em relação ao primeiro e, como este, também pode tentar, através de seus comportamentos (chantagens, atos, actings) fazer com que o primeiro “transforme-se” em seu objeto parental inconsciente. Este casal sofre de reminiscência do passado; este passado está ligado à idealização e à escolha do outro como suporte exclusivo do objeto fantasmado (EIGUER, 1985, p. 34).

Esta escolha é baseada nos primeiros objetos parentais, onde o inconsciente passa a agir conforme a resolução ou não do complexo de Édipo de cada indivíduo. Está ligada a capacidade de suportar as diferenças e as necessidades do outro, a pessoa que escolhe o objeto de amor através da escolha edípica é capaz de suportar renúncias e convive mais fácil com as diferenças dos outros. É um ser humano capaz de conviver e lidar com as diferenças, quando se consegue suportar a castração, sendo assim onde o complexo de Édipo foi bem elaborado.

Já na escolha anaclítica, Laplanche e Pontalis (2004, p. 21) a escolha anaclítica tem como principal característica a busca por um parceiro amoroso que consiga satisfazer e alimentar todas as suas angústias e perdas das figuras parentais, uma escolha por apoio. Este processo faz parte de uma identificação recíproca, onde o sujeito idealiza no outro as suas vontades e necessidades para que assim consiga suprir as suas próprias. Nesta escolha o sujeito tem duas formas de caminhos possíveis, a escolha anaclítica defensiva, em que o sujeito escolhe o parceiro amoroso a partir do oposto dos seus pais, e há aqueles em que sua escolha representa aspectos inconscientes dos pais, buscando características deles.

Na escolha anaclítica, a intensidade com que a libido se desloca do eu para o objeto produz uma relação de submissão neurótica. A origem dessa subserviência está na idealização, processo através do qual as qualidades do objeto são exacerbadas ao ponto de ele ser tomado como a fonte de todos os bens. Restam ao amante ausência de autoestima, humildade e reverência. A perda do objeto amado só pode ser vivida pelo sujeito como a subtração de um pedaço de si mesmo. (FERREIRA, 2004, p. 21-22).

Para Junior (2001) o objeto de amor é escolhido a partir das primeiras relações com os pais, às primeiras relações objetais. Essas escolhas são

estabelecidas a partir do modelo das relações presentes nos primeiros momentos da vida do sujeito, onde a pulsão seria uma das grandes responsáveis pela conservação da vida, principalmente a pulsão sobre o seio materno, onde para Freud o seio materno é o primeiro objeto sexual para a criança. Em um tempo em que o início da satisfação sexual ainda está vinculado ao recebimento de alimentos, a pulsão sexual encontra o objeto sexual fora do corpo da criança, na forma do seio materno. (FREUD, [1901-1905] 1980, p. 125).

Segundo Freud o primeiro modelo que a criança tem, servira como modelo para as futuras relações objetais. Para ele encontrar um objeto é na realidade reencontrá-lo (FREUD, [1901-1905], 1980, p. 125). Fica claro que o passado explica o futuro, onde as escolhas objetais passadas explicam as escolhas atuais.

Conforme Eiguer (1985) na escolha objetal anaclítica o afeto que seduz é o da tristeza, podendo se dizer que foram enamorados pela tristeza, onde diante da dor da perda ou até mesmo do luto o afeto que os une é o da tristeza. Assim busca o par amoroso por características no outro pelo sofrimento, passando muitas vezes a querer ajudar seu semelhante, renunciando suas próprias necessidades pessoais e se unindo a pessoas amada pela dor. O processo amoroso que é alimentado pela dor psíquica vai além da perda, passando a substituir fantasmaticamente o objeto perdido.

E por fim a escolha narcísica, que é baseada na própria pessoa, ou seja, o objeto escolhido é semelhante ao sujeito a escolheu, a qual possui características de como a pessoa gostaria de ser. Segundo Freud ([1914-1916] 2006) o narcisismo faz parte do instinto de preservação, conquanto se o indivíduo sofre alguma alteração no seu desenvolvimento, o fenômeno narcísico torna-se modelo de escolha do objeto de amor.

As escolhas narcísica e anaclítica do objeto amoroso têm como matriz o narcisismo primário. No referido texto de 1914 Freud afirma claramente: aqueles que renunciaram a uma parte do ser narcísico se lançam à procura do amor, transferindo o seu próprio narcisismo para o objeto amado. Em ambas as escolhas, o que está em jogo é o amor como sentimento da paixão, que tem como características a supervalorização de estigma narcísico. (FERREIRA, 2004, p. 21).

Para Laplanche e Pontalis (2004, p. 287) a escolha narcísica toma a si mesmo como objeto sexual, na qual parte do narcisismo para suas escolhas, que trazem características próprias do sujeito, procura no outro algo que é seu, um

sujeito que possa amar como a mãe o amou. O sujeito começa a tomar sobre si mesmo, seu próprio corpo como um objeto de amor, o que permite uma primeira unificação das pulsões sexuais. Para Freud, há um equilíbrio entre a libido do ego e a libido objetal, quanto mais uma absorve, mais a outra empobrece.

Para Freud ([1927-1931] 2006, p. 83) a libido objetal atinge uma fase superior do desenvolvimento colocando como exemplo uma pessoa apaixonada, quando o sujeito se permite desistir de sua própria personalidade em favor do objeto.

O valor dos conceitos 'libido do ego' e 'libido do objeto' reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego. (FREUD, [1927-1931] 2006, p. 85).

O ego é considerado com um dos grandes reservatórios de libido, uma catexia libidinal, onde esta libido é transmitida aos objetos, e que também está sempre pronta para absorver as libidos que vem dos objetos. A libido atinge a sua fase mais elevada, quando o sujeito desiste de sua própria personalidade em função da caixa objetal do outro.

É importante lembrar que, no campo da Psicanálise, o termo narcisismo é designado ao amor próprio, um modo particular em relação com a sexualidade. Segundo Freud ([1901-1905] 1980) o termo narcisismo foi escolhido por Paul Nacque em 1899, para designar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da forma pela qual o corpo do objeto sexual é tratado.

Uma das características da dificuldade da separação é que essa causa uma certa eclosão da morte psíquica das vidas das pessoas, assim tendem a viver algo semelhante as experiências que esta morte/separação, tentando sobreviver a ela. Nas relações amorosas que morrem lentamente e que tem como consequência a separação, a problemática da dor é diferente, de certo modo contrária. Trata-se de um doloroso processo "abortivo" no qual o afastamento e o esquecimento do objeto amado, decorrem somente depois que a separação das pessoas que ainda se amam concretiza.

CARUSO (1989) apresenta a ideia de que há uma dose de narcisismo em cada um dos seres humanos, e que o trauma da separação pode determinar uma reorientação para um narcisismo secundário. Caracteriza a dor da separação com algo "imaturo", que deve ser trabalhado através da psicanálise, a partir do ponto de

que o fenômeno da separação é complexo com relação às pessoas que se separam; e que esta análise deve ser realizado a levando em consideração o contexto em que o sujeito vive, associado às vivências da sua infância, proibições e tabus.

Também queremos adiantar que este estudo é válido apenas dentro do nosso contexto cultural e em função de nossa situação histórico-social. Seu objeto – a separação - deve ser compreendido historicamente e não de uma maneira essencialista, a partir da “natureza” do homem. Portanto, não queremos provar que a separação entre os amantes tenha as mesmas características em diferentes condições sócio-culturais nem que deva, necessária e permanentemente, manifestar-se sempre de maneira idêntica. (CARUSO, 1989, p.16).

Deve levar em consideração que a separação dentro do contexto social acontece de várias maneiras. Cada cultura representa uma forma de vivenciar esta dor, a separação dos amantes traz consigo um pouco da representação que o sujeito tem do que seja a dor, a separação. Portanto, cada contexto social tem suas características de como lidar com a dor, e isso não significa que esta separação será vivenciada da mesma maneira pelos seres humanos.

Uma das características desse processo de separação segundo Caruso (1989) é a morte da consciência, no qual surge o desespero, [onde existia uma relação dual, a mesma fazia relação com o modelo único], de mãe e filho, [esta perda do objeto amado, é ao mesmo tempo a perda do elemento de identificação, caracterizando uma mutilação do ego]. A agressividade é um dos mecanismos de defesa desse sujeito na medida em que, o amor se transforma em ódio, ocorrendo de certo modo uma desidentificação com o objeto, trata-se de uma forma de tornar definitiva a morte ausente da consciência e torna lá aceitável para o ego. Por fim, pode-se dizer que para o indivíduo vivenciar as limitações da separação é necessário que ele consiga desidentificar com o objeto de amor que foi perdido. Neste processo é essencial que ele vivencie sua perda, este processo de elaboração do luto, para que assim consiga elaborar suas próprias interpretações e seja capaz de construir novos caminhos para seguir na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi realizada uma contribuição para a discussão, por meio do contato com cada realidade de escolha amorosa e suas características.

Levantou-se a questão da escolha do objeto de amor nos tempos antigos, para a literatura e filosofia.

Com isso objetivou-se tratar de alguns dos pontos principais da dificuldade de se desvincular desse objeto amado, quais as dores e dificuldades deste processo. Apresentando que o processo da separação/luto faz presente do processo da vida, gerando muitas angustias dor, contudo é essencial que o indivíduo vivencie este momento, para assim conseguir uma boa elaboração de sua perda.

REFERÊNCIAS

CARUSO, I. A. **A separação dos amantes**: Uma fenomenologia da morte. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

COELHO JUNIOR, N. E. A noção de objeto na psicanálise Freudiana. **Ágora** v. IV, n. 2, p. 37-49, jul./dez. 2001.

EIGUER, A. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRA, P. N. **A teoria do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, N. P. (2008). **O amor na literatura e na psicanálise**. Rio de Janeiro: **Dialogarts**. Disponível em: <www.dialogarts.uerj.br/arquivos/o.amor.nadia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FERREIRA, P. N. **A teoria do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**, Vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, [1901-1905], 1980.

FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico**. Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos, Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, [1914-1916], 2006.

KLEIN, M. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PARKES, C. M. **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus, 2006.

PIRES, S. M. F. Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 81-94, 2009.